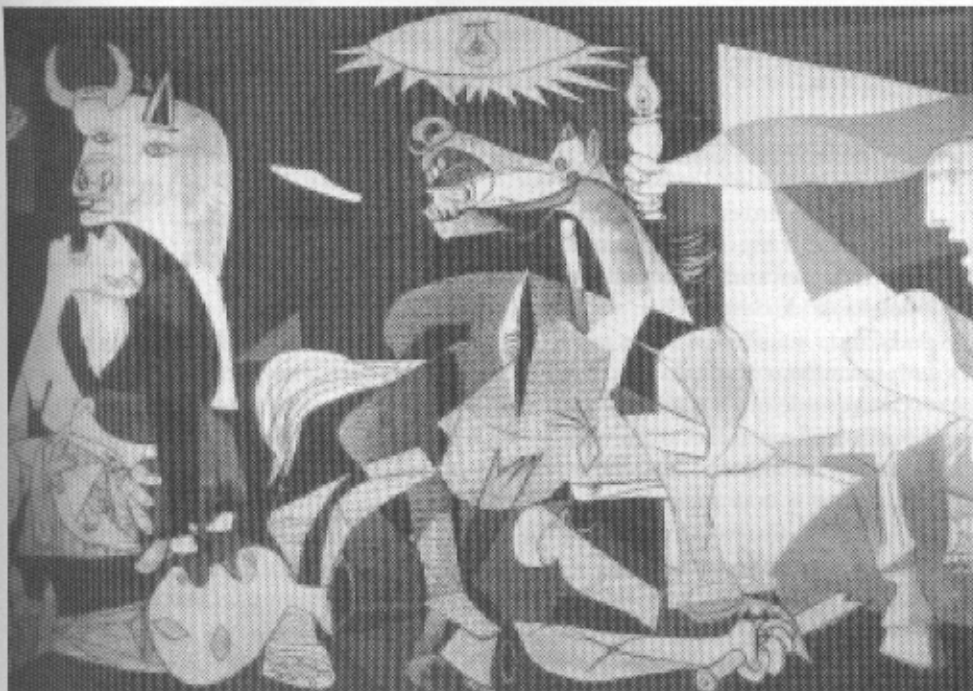


SANGUE, GUERNICA E VERSOS



Guernica, Pablo Picasso.

A poucos meses do fim do século, começam a proliferar, em todos os cantos do mundo, várias listas de grandes personalidades, destacando os gênios dos últimos cem anos. Muitas das celebridades artísticas do século XX têm vínculos históricos ou temáticos (ou os dois) com a geração que lutou, sofreu e expressou, em suas obras, a guerra civil espanhola.

Saltam aos olhos alguns nomes como os poetas Antonio Machado e Federico García Lorca, e os pintores Salvador Dalí e Pablo Picasso. Até mesmo artistas de outras gerações, influenciados pelo conflito, puseram seu talento a serviço de traçar retratos belos, trágicos e pessoais da guerra que deu início aos mais de trinta anos de governo fascista do general Francisco Franco.

A Espanha ainda era, no início deste século, um país atrasado e predominantemente agrário. No entanto, no começo da década de trinta, suas cidades já possuíam uma importante parcela da população vinculada à indústria e o país exigia que a política acompanhasse as mudanças sociais.

Em 16 de fevereiro de 1936, a

Frente Popular, uma coalizão antifascista, majoritariamente esquerdista e anticlerical, foi eleita para governar a Espanha. O novo Governo deu início a várias reformas prometidas em campanha. Entretanto, em 18 de julho de 1936, uma junta militar nacionalista, liderada pelo general Francisco Franco e apoiada pela maioria da Igreja, decidiu buscar o poder através das armas e deu o pontapé inicial para a guerra civil espanhola, obrigando milhares de civis a buscar asilo em outros países, principalmente na França e na Inglaterra.

A intervenção da Itália fascista e da Alemanha transformou a Espanha em um campo de testes de novos armamentos para a iminente Segunda Guerra mundial.

A Espanha estava dividida. Hitler e Mussolini apoiavam os nacionalistas (o grupo do generalíssimo Franco), enquanto os republicanos contavam com o apoio material soviético e o auxílio das

Arte e guerra na Espanha

EDUARDO PLASTINO, FADUA MATUCK, GUSTAVO MESQUITA E PRISCILA PINTO

Brigadas Internacionais formadas por operários, estudantes e intelectuais dos mais diversos países.

O conflito espanhol temperou um momento delicado da história europeia, sendo inevitável o envolvimento de outros países. A intervenção da Itália fascista e da Alemanha nazista acabou sendo decisiva, pois alterou a correlação das forças em luta e transformou a Espanha em um campo de testes de novos armamentos para a iminente Segunda Guerra Mundial.

Um dos episódios que mais marcou o conflito foi o bombardeio da aviação alemã (Luftwaffe) à cidade de Guernica, em 1937, fato que inspirou o pintor Pablo Picasso a dar à luz o quadro *Guernica*, considerado ainda hoje por muitos críticos uma obra-prima do século XX.

Trinta e um de março de 1939 é a data da vitória final de Franco e de uma derrota que, por muitos anos, iria doer na alma da esquerda do mundo inteiro. O saldo da guerra civil espanhola foi de muitas vidas perdidas (diferentes estimativas divergem quanto ao total de mortos, aproximadamente 500 mil) e a porta aberta para que, quatro meses depois, eclodisse a Segunda Guerra Mundial.

Sessenta anos após o fim do conflito espanhol, tem-se a certeza de que o episódio não é apenas uma triste e obrigatória página dos livros de história, mas um capítulo que retumbou forte e

ainda ecoa na produção cultural em vários países.

Por exemplo, o poeta chileno Pablo Neruda (1904-1973), embaixador de seu país na Espanha durante a guerra civil não pôde, por seu cargo, assumir uma postura parcial diante do conflito, mas, com seu coração, sua mente e suas letras de ideologia comunista, posicionou-se taciturnamente a favor dos republicanos.

Joan Manuel Serrat e Antonio Machado

Geração após geração, a guerra civil espanhola continuou sendo fonte inspiradora de muitos artistas, e um dos que alcançou maior destaque foi o cantor catalão Joan Manuel Serrat. Uma de suas músicas mais conhecidas é "Cantares", cuja letra conta a história dos últimos anos da vida de Antonio Machado (1875-1939) e cita um trecho de uma das mais famosas obras do poeta.

"morreu o poeta longe do lar / o cobre o pó de um país vizinho / ao se afastar o viram chorar / caminhante não há caminho, se faz caminho ao andar"

Machado faleceu aos 64 anos, dias depois de atravessar, já doente, a pé e sob chuva, a fronteira da Espanha com a França, deixando para trás sua colaboração com a causa republicana. Na bela *Cantares*, Serrat proclama: *faz algum tempo nesse lugar / onde hoje os bosques se vestem de espinhos / se ouviu a voz de um poeta a gritar: caminhante não há caminho, se faz caminho ao andar*. E continua: *morreu o poeta longe do lar / o cobre o pó de um país vizinho / ao se afastar o viram chorar*. Não foi por mera coincidência que o mesmo Serrat amargou o exílio, em 1975, na agonia da ditadura, depois de se manifestar contrário ao franquismo.

Antes de morrer, Machado deixou um livro cujo título representa não apenas o motivo indireto de sua morte (e a de tantos outros artistas), como também a questão chave para a sua geração: *La Guerra*.

No final dos anos trinta, na Espanha

e no mundo de uma forma geral, a atmosfera era de romantismo. As pessoas levantavam bandeiras e engajavam-se em lutas políticas, acreditando no ideal de modelar um novo mundo. Era o império do sentimento moderno: havia espaço para se construir o futuro, havia um ideal a ser atingido, e, sobretudo, havia que se lutar por ele.

Miguel Hernández

Talvez uma das pessoas que mais encarnou esse espírito tenha sido Miguel Hernández (1910-1942), que, nascido no interior da Espanha, abandonou a escola aos quinze anos para cuidar de cabras. Graças a seu amor à poesia, pôde desenvolver seu talento dedicando suas horas livres aos livros emprestados e ouvindo conselhos de escritores e leitores mais experientes. Apesar de sua prematura morte, e talvez em parte devido a ela, Hernández é hoje reconhecido como uma das maiores perdas literárias atribuídas ao franquismo.

O poeta não foi assassinado, mas tampouco resistiu às doenças que contraiu em uma verdadeira peregrinação pelas mais variadas cadeias espanholas. Foi preso por ter sido surpreendido quando tentava cruzar a fronteira portuguesa, em 1939, em meio à debandada republicana frente à já então irreversível vitória dos nacionalistas. Antes disso, no entanto, ele teve tempo de escrever dois livros que testemunham sua participação no conflito: *Viento del pueblo* (1937) e *El hombre acecha* (1939). Entre referências diretas aos horrores da guerra e cantos discretos, situados no tênue limite entre o pessimismo e a vontade de cultivar a esperança, Hernández deixa sua marca na história da poesia espanhola.

Pelos campos lutados se estendem os feridos / E daquela extensão de corpos lutadores / salta um trigal de jatos quentes / estendido em roucos surtidores / O sangue sempre chove de boca para cima / em direção ao céu / E as feridas soam, como as conchas de mar / quando há nas feridas celeridade do vôo / essência das ondas.

Esta é a forma como Miguel Hernández retrata, em 1939, um campo de batalha espanhol depois do combate entre republicanos e nacionalistas às vésperas do triunfo franquista. No mesmo ano, em *Canción última*, ele fala



O "generalíssimo" Franco

de uma casa em alusão a seu país e prevê que *Florescerão os beijos / sobre as almofadas e que o ódio se amortecerá / atrás da janela / será garra suave; e termina implorando: deixai-me a esperança*.

Hernández foi também outro dos poetas cujos versos foram "cantados" por Joan Manuel Serrat em *Para la libertad* e *Nanas de cebolla*.

Federico García Lorca

Em um período de intensa efervescência cultural na Espanha, Federico García Lorca (1898-1936) se destacou, possivelmente mais do que qualquer outro poeta, tanto por seu brilhantismo como por ter sido um dos primeiros a perder a vida no auge de seu gênio criador, durante a guerra civil espanhola.

Lorca não era de nenhum partido político, mas foi vítima do preconceito dos nacionalistas, que viam os artistas modernos como "degenerados" e inimigos da ordem que eles tratavam de impor no país. Mesmo tendo se refugiado do conflito ao trocar Madri por Granada, Lorca foi encontrado através de uma denúncia anônima, preso por milícias nacionalistas e finalmente assassinado pouco mais de um mês após o início da guerra civil. Isto motivou Antonio Machado a escrever *El crimen fue en Granada* (O crime foi em Granada). Desta forma, se interrompeu brutal e repentinamente a produção literária do andaluz, que podia se orgulhar não apenas de sua obra, como também de ter entre seus amigos o poeta Juan Ramón Jiménez, o cineasta Luis Buñuel e o papa do surrealismo, Salvador Dalí.

Salvador Dalí

Dalí não é apenas um dos gênios do século XX, como também um ilustre integrante da galeria de grandes pintores espanhóis que tiveram sua vida e obra marcadas pela guerra. Em seu caso, o mestre surrealista aplicou elementos ultra pessoais ao conflito para deixar um legado de trabalhos com passaporte garantido para a história da arte. *Premúncio de Guerra* (1935), *Espanha* (1938) e *Canibalismo de Outono* são alguns dos quadros que mostram sua visão onírica da guerra.

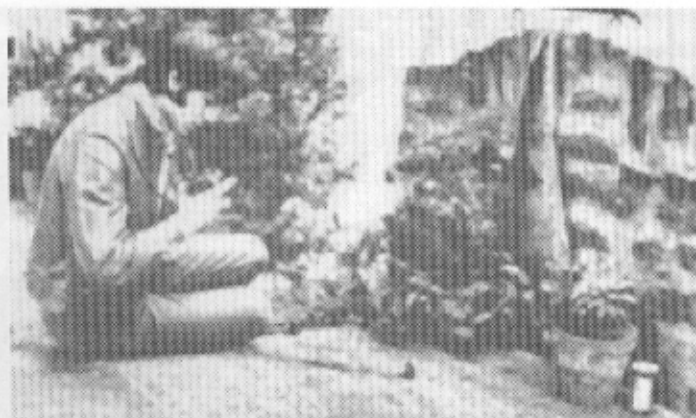
Ele desenvolveu uma teoria, a que nomeou *método crítico-paranóico*, baseada nas descobertas de Freud sobre a possibilidade de usar a hipnose para ressuscitar o passado esquecido e evidenciar o valor da memória e das experiências enterradas no inconsciente, assim como a importância dos sonhos e da livre associação. Para Dalí, foi o descortinar de um mundo novo, sem limites. O método crítico-paranóico é uma forma de interpretação de imagens que depende da criatividade do observador. Séculos antes e mesmo sem sabê-lo, Leonardo da Vinci avalizou os caminhos de Dalí ao considerar que era *preciso estudar as manchas de uma parede para assim poder enxergar estranhos monstros*.

Dalí foi apresentado ao grupo surrealista em 1928 por Joan Miró, e nos anos seguintes teceu grandes amizades entre esses artistas. Um de seus vínculos mais notórios foi com García Lorca, que lhe dedicou o poema *Ode a Salvador Dalí*. A perda do amigo poeta, durante a guerra, o entristeceu profundamente.

Mesmo tendo pintado a guerra e feito parte de um grupo que se posicionava contra os franquistas, Dalí ficou fascinado pela figura do então ameaçador chanceler (primeiro ministro) alemão Hitler. Ainda durante a guerra civil, o pintor expôs esse sentimento em quadros como *Beach scene with the telephone*. Alguns biógrafos sustentam que essa admiração pelo inimigo custou a Dalí sua exclusão do grupo surrealista.

Pablo Picasso

Apesar de todo o impacto da obra de Salvador Dalí, críticos, historiadores e admiradores da arte são unânimes em



Serrat no túmulo de Antonio Machado.

afirmar que a obra que eternizou a Guerra Civil Espanhola foi *Guernica*, de Pablo Picasso. Este quadro, o mais famoso do pintor, virou de tal forma um símbolo do conflito que raros são os livros de história utilizados em escolas secundárias que não o usam para ilustrar os horrores vividos pelos espanhóis na década de trinta.

Ao estourar a guerra, Picasso declarou imediatamente seu apoio à República, levantou enormes quantias em prol da causa e aceitou pintar um grande mural para o pavilhão espanhol na Exposição Internacional de 1937, em Paris.

O quadro é um ataque à crueldade e à loucura do homem. Com ele, Picasso descreveu a dor e a destruição provocadas pelo homem. Esta foi a expressão máxima não só do sofrimento do povo espanhol, como também do impacto das armas modernas sobre suas vítimas em todas as partes do mundo. Nele vê-se um corpo pisoteado, uma mulher chorando a morte do filho, um homem tentando alcançar uma janela em busca de socorro. As bombas não estão visíveis, o impacto delas é sugerido pelo espocar da lâmpada elétrica e o clarão de luz sobre uma porta; vêem-se apenas as vítimas atingidas de surpresa.

Irônico, Picasso não poupou o embaixador de Hitler quando este foi visitá-lo em Paris durante a invasão nazista à França. Ao ver uma foto do mural *Guernica*, o oficial perguntou "Foi o senhor quem fez isso?" e Picasso respondeu: "Não. Foi o senhor."

O sentimento de perversidade da guerra também foi relatado pelo prefeito de Guernica numa carta aos espanhóis: *as feras que pilotavam tais aviões, logo que avistavam nas ruas ou fora da cidade uma figura humana, focalizavam nela suas metralhadoras, semeando terror e morte, entre*

mulheres, crianças e velhos(...).

O conflito espanhol, que aconteceu num período "entreguerras" - as duas décadas que separaram as duas guerras mundiais - preencheu uma lacuna da época mais violenta deste século. Foi fonte inspiradora para vários artistas, que deixaram um legado cultural em todos os campos da arte, mas também a causadora da morte prematura de muitos deles, do exílio de outros

tantos e de feridas que demoraram a cicatrizar.

Alguns desses artistas viraram verdadeiros mártires, como García Lorca ou Miguel Hernández; outros sofreram perseguições mesmo muito tempo depois, como foi o caso de Serrat, que não viveu a guerra, mas foi perseguido pela ditadura de Franco, nos anos 70.

A guerra e, posteriormente, o governo fascista, dizimaram a *inteligencia* espanhola e deixaram uma sensação de orfandade no país. Conta-se que, no começo da guerra, franquistas interromperam o discurso do reitor da Universidade de Salamanca, Miguel de Unamuno, aos gritos de *¡Muera la inteligencia! ¡Viva la muerte!*. A morte chegou para o acadêmico e filósofo ainda em 1936, quando ele se encontrava preso na sua própria casa, segundo versões, renegado por republicanos e nacionalistas.

Outra grande perda para o país foi o compositor Manuel de Falla, autor do famoso *Sombrero de tres picos* (Chapéu de três pontas). O músico buscou exílio na América do Sul, em 1939, e morreu sete anos mais tarde sem voltar a ver sua terra natal.

Quando se trata de um conflito deste porte, com volumosa perda de vidas humanas, é difícil um olhar inocente sobre a arte produzida neste período, sem que se perceba uma certa angústia ou tristeza em cada verso ou pincelada. Entretanto, ainda que partindo do princípio de que qualquer guerra é absurda e sem sentido, não se pode negar a importância da arte na guerra civil espanhola. Seja assumindo uma tonalidade catártica em alguns momentos, seja desenvolvendo papel até mesmo jornalístico em outros, provou-se que a arte sempre é necessária; até mesmo onde e quando se conspira contra ela. ◀